

Super Heróis e outros mitos modernos: Aplicação pedagógica para reflexões filosóficas e formação ético-moral de jovens e crianças

João Carlos Fuentes¹³

Resumo: Histórias de deuses e heróis fazem parte do imaginário dos povos desde a antiguidade. Da Epopeia de Gilgamesh até os quadrinhos e filmes da Marvel, DC Comics e outras. Seriam apenas fruto da fértil imaginação humana, com intuito de entretenimento? Seriam os mitos tentativas de explicar com outro olhar a realidade. Da Grécia antiga temos o primeiro registro de uso destes mitos com a finalidade pedagógica, numa análise da *Paidéia Grega* observamos o uso das histórias de heróis e deuses de Homero e Hesíodo, apresentando aos jovens modelos de virtudes e excelência que moldaram por muito tempo a civilização ocidental. Esse artigo busca apontar a importância destas personagens como uma forma de mitologia moderna e a aplicabilidade pedagógica dos mesmos.

Palavras-Chave: mitos, super-heróis, formação de leitores, paidéia, arquétipos

Abstract: stories of gods and heroes are part of the imaginary people since antiquity. The Epic of Gilgamesh to the comics and movies from Marvel, DC Comics and others. Would be only the fruit of fertile human imagination, with entertainment purpose? Are the myths attempts to explain with another look at reality. Of ancient Greece we have the first record of use of these myths with the pedagogical purpose, an analysis of the Paideia Greek observe the use of stories of heroes and gods of Homer and Hesiod, with the young models of virtue and excellence that shaped long civilization West. This article seeks to highlight the importance of these characters as a form of modern mythology and pedagogical applicability.

Keywords: myths, superhero, training players, paideia, archetypes

Introdução

Desde a antiguidade, o ato de contar histórias tem um importante papel na formação intelectual, moral e ética dos indivíduos, e conseqüentemente da sociedade por estes formada. As histórias de homens e mulheres que efetuaram grandes feitos, deuses com características humanas, heróis que enfrentaram e venceram perigos, narrativas verossímeis ou fantásticas, foram transmitidas de várias formas, desde a tradição oral, passando por livros, até filmes e histórias em quadrinhos.

O homem antigo experimentava a realidade e a compreendia através dos mitos. Estes, mesmo não sendo sempre reais, ao menos no sentido cartesiano e racional do termo “real”, foram responsáveis por inculcar no homem modelos de virtude e metas de excelência moral e física, que moldaram nosso mundo e até hoje exercem forte

¹³ E-mail: jcarlos@fuentesbrasil.com

influência.

Crianças e jovens têm mais facilidade em vivenciar esta forma mítica de entender o mundo, e são facilmente envolvidos por uma narrativa fantástica onde residem seres incríveis, desde as histórias infantis, povoadas por bruxas, princesas, animais falantes e monstros, até as histórias em quadrinhos, desenhos animados e filmes inspirados nestes.

Embora ainda exista uma resistência por parte de pessoas e instituições de ensino mais conservadoras em aceitar as estórias de super-heróis como material de uso pedagógico e didático, e até alguns pais, que relutam em deixar seus filhos lerem ou assistirem filmes e desenhos relacionados, salvaguardadas as devidas precauções com a classificação de faixas etárias, tais personagens podem ser utilizadas de forma lúdica, para uso didático em sala de aula.

Estas estórias são ricas em conceitos morais, éticos e outras questões pertinentes à formação humana, cabendo aos pais e professores fazerem as perguntas certas às crianças e jovens, de modo a fazê-los compreender um significado mais profundo existente nestas. Estes mitos contemporâneos podem ainda auxiliar a restabelecer valores morais que hoje parecem invertidos, ao fazer a criança se identificar com personagens como o Superman, Mulher-Maravilha e outros heróis, com o auxílio dos pais e educadores pode-se transferir esta admiração para os heróis do mundo real, nas figuras de policiais, bombeiros, médicos e professores.

Através da revisão de diversas fontes que abordam a utilização de histórias em quadrinhos, em especial os de super-heróis, na prática pedagógica do ensino de filosofia. Será feita uma exposição de temas e suas relações com elementos dessa forma de cultura, destacando a relevância destes mitos na formação ética e moral das crianças e jovens. Deste modo demonstrando a importância dos mitos na formação de crianças e jovens, e como o educador pode utilizar estas personagens para abordar questões do mundo real, utilizando estas como ponto de partida para discussões de ordem filosófica relevantes.

As fontes empregadas serão: Artigos Acadêmicos, Teses de Graduação e pós-graduação, livros, revistas e artigos eletrônicos.

Os Mitos como Instrumento de Educação

“Mitos são histórias de nossa busca da verdade de sentido, de significação, através dos tempos.” (CAMPBELL, 2000, p. 5).

Para Campbell, o caráter praticamente universal dos mitos, que aparecem em diversos lugares em diferentes culturas, sugere que estes têm uma origem muito mais profunda, e falam mais a respeito de nossa própria humanidade do que a análise mais superficial revela. Eles representam sonhos e aspirações coletivas e instintivas, sentimentos e padrões de pensamento que parecem serem inatos nos seres humanos, que de alguma forma funcionam como instintos quando é moldado nosso comportamento (CAMPBELL, 2002).

Filmes de heróis e histórias em quadrinhos se espelham nas nossas mitologias culturais, mesmos valores e sensibilidades, sendo uma forma de criar mitos.

Desde a época de Homero, as histórias de heróis e deuses foram contadas com o intuito de tornar as crianças e jovens receptivas a um modelo de conduta de retidão, coragem e honra. Randazzo, afirma que o mito do herói guerreiro é retomado de tempos em tempos em várias épocas e culturas distintas, desde a epopeia de Gilgamesh, passando pelos feitos de Ulisses Aquiles, Hércules, até os tempos modernos com o Super-Homem, Batman e outros heróis e alguns anti-heróis que povoam nossa cultura. A forte influência do arquétipo do herói em nossa cultura, e conseqüentemente no imaginário popular, se deve à raiz da mitologia grega presente no cerne de nossa sociedade. (RANDAZZO *apud* BREDA, 2010).

Como dito por Aristóteles, assim como qualquer outro aprendizado, é através da imitação e da prática que podemos adquirir virtudes e qualidades morais. (ARISTÓTELES, 2007, II, 1, 1103 b1 2-5).

Campbell (1997), revela o conceito de arquétipo, como já abordado por Jung, e vai além, apontando no mito do herói, uma forma universal de expressão do ser humano, com seus anseios, medos e conquistas.

As metáforas pelas quais vivem e por meio das quais operam foram objeto de longa meditação, de pesquisas e de discussão ao longo de séculos — ou mesmo milênios; além disso, serviram a sociedades inteiras como as principais bases do pensamento e da vida. Os padrões culturais foram moldados a elas. Os jovens foram educados, e os anciões se tornaram sábios, por intermédio do estudo, da experiência e da compreensão de suas efetivas formas iniciatórias. Pois essas metáforas na real idade tocam e põem em jogo as energias vitais de toda a psique humana. Elas servem de vínculo entre o

inconsciente e os campos da ação prática — e não de modo irracional, à feição de uma projeção neurótica, mas de maneira tal a permitir uma compreensão madura, ponderada e prática do mundo dos fatos, necessária à repetição, que está submetida a um inflexível controle, do que se passa nos domínios do desejo e do medo infantis. E se isso é verdade quando aplicado às mitologias folclóricas comparativamente simples (os sistemas de mitos e rituais por meio dos quais as tribos primitivas dedicadas à caça e à pesca se sustentam a si mesmas), que dizer de metáforas cósmicas magnificentes como as refletidas nos grandes épicos homéricos, na Divina comédia, de Dante, no Gênesis e nos templos intemporais do Oriente? Até as últimas décadas, esses eram os sustentáculos de toda a vida humana e a inspiração da filosofia, da poesia e das artes em geral. Onde os símbolos herdados receberam o toque de um Lao-tsé, de um Buda, de um Zoroastro, de um Cristo ou de um Maomé — empregados, por um mestre consumado do espírito, como veículo da mais profunda instrução moral e metafísica —, estamos, evidentemente, na presença de uma imensa consciência, e não diante de trevas. Por conseguinte, para perceber o pleno valor de que se revestem de figuras mitológicas que chegaram até nós, faz-se necessário compreender que elas não são, tão somente, sintomas do inconsciente (como o são efetivamente todos os pensamentos e atos humanos), mas também declarações controladas e intencionais de determinados princípios de cunho espiritual, que permaneceram constantes ao longo do curso da história humana, como a forma e a estrutura nevrálgica da própria psique humana. Em termos sucintos: a doutrina universal ensina que todas as estruturas visíveis do mundo — todas as coisas e seres — são o efeito de uma força ubíqua de que emergem, força essa que os sustenta e preenche no decorrer do período de sua manifestação e para a qual eles devem retornar quando de sua dissolução última. Trata-se da força que a ciência conhece como energia, os melanésios como mana, os índios *sioux* como *wakonda*, os hindus como *shakti* e os cristãos como o poder de Deus. Sua manifestação na psique é denominada, na psicanálise, libido. E sua manifestação no cosmo constitui a estrutura e o fluxo do próprio universo (CAMPBELL, 1997, p. 158).

Percebe-se que, para Campbell, os mitos, as lendas, as histórias de deuses e heróis, não são somente fantasias ou meras histórias inventadas, mas antes, refletem um sentido mais profundo para as culturas e povos de onde emergiram, sendo, portanto, importantes meios de acesso não só da mente consciente, mas antes à mente inconsciente, intuitiva e irracional. São nascidos de uma estrutura cognitiva maior até que as diferenças culturais e sociais e religiosas. São verdadeiros *Arquétipos*, modelos, declarações e afirmações de virtudes, anseios e princípios universalmente encontrados em várias culturas e épocas, que existem não “do lado de fora” mas são constituintes de nosso íntimo, dentro da mente humana inconsciente.

Os arquétipos são representações destes modelos, e também a causa deles. E por residirem em nosso inconsciente, na forma de mitos e símbolos, são capazes de ir além de nossa percepção intelectual e racional, mas falar às emoções, diretamente em nossa alma.

Na antiguidade, dada a forma mítica do homem entender o mundo e transmitir conhecimentos e modelos para as gerações futuras, as metáforas foram as principais

bases para o pensamento e a vida. A sociedade moderna, em especial o ocidente, tem procurado ser mais lógica e racional, relegando estas histórias somente no contexto religioso, ou como mero entretenimento, negando o potencial e o poder que estas possuem, principalmente nos mais jovens, cujos valores estão em formação, de contribuir verdadeiramente com sua formação de valores éticos, morais e intelectuais.

Pais, professores e pedagogos necessitam fazer uso desta poderosa força de atuar no inconsciente que o mito possui.

Nobreza e *Areté* – Da Grécia até os dias atuais

Desde a educação na Grécia antiga, havia uma meta de virtude a atingir, uma busca pela excelência e o máximo desenvolvimento do potencial humano. Werner Jaeger (1995) em sua Obra *Paideia: A Formação do Homem Grego*, descreve como, através das obras de Homero e Hesíodo, histórias de deuses heróis serviam como base para a educação do povo grego, apontando quais modelos a serem seguidos. Em Homero, valores ligados a beleza e virtudes guerreiras, e em Hesíodo o trabalho e valores morais.

Da educação, neste sentido, distingue-se a formação Do Homem por meio da criação de um tipo ideal intimamente coerente e claramente definido. Esta formação não é possível sem se oferecer ao espírito uma imagem do homem tal qual ele deve ser. A utilidade lhe é indiferente ou, pelo menos não essencial. (JAEGER, 1995, p. 24)

As histórias de ambos, contadas às crianças e jovens forneciam referências de comportamento tanto para a aristocracia (Homero) e a classe trabalhadora (Hesíodo).

Devemos lembrar do contexto histórico contemporâneo dos poemas de Homero e Hesíodo. Conforme dito por Lisboa (2013), mais do que uma função de entretenimento, esses poemas cantavam os grandes feitos e virtudes dos grandes homens e heróis, de forma a criar uma consciência receptiva a tal modelo de transmissão.

Mitos eram explicações para a realidade em forma de histórias, falavam mais em sentido íntimo e espiritual do que o que entendemos hoje por racional. Através da crença em deus e heróis e suas ações. Para as culturas pré-científicas, esta era não só a única maneira de ver o mundo, mas também o poder de despertar emoções fortes servia como combustível para a busca das virtudes e a formação moral do povo.

Numa sociedade e que imperava a consciência mítica, esses heróis povoavam a mente das pessoas como modelos a serem seguidos. Tanto para atingir seus ideais de virtude como para agradar os deuses através da simples e humilde vida do trabalhador.

Em contrapartida, nas sociedades contemporâneas, a ciência praticamente tomou o lugar da mitologia, na explicação e interpretação do mundo e da natureza, bloqueando nossa sensibilidade, tornando mais difícil para as pessoas modernas compreenderem o valor e a importância da mitologia, perdendo o contato consciente com ela. A modernidade, decretou o mito como tentativa fracassada de explicação da realidade, tornou o homem isento de um modelo de virtude.

É claro que temos nossos mitos modernos, como as personalidades que os meios de comunicação se encarregam de transformar em imagens exemplares (artistas, políticos, jogadores de futebol e etc). São ideais de sucesso, poder, liderança, sexualidade. No entanto, esses novos mitos não apresentam a abrangência que se fazia sentir no homem primitivo, e a falta de um ideal de virtude faz surgir uma geração tipificada pela falta de parâmetro de nobreza ou mesmo de “certo e errado”, que nada tem em comum com o ideal de *Areté*. Ao contrário, nossa infância e juventude, retrata exatamente o oposto do ideal de Paideia, ao se conformar com modelos de personagens ou personalidades que muito pouco ou nada têm a revelar em caráter de ideias nobres, como moral, ética, altruísmo etc.

Irwin nos lembra que imitar um ideal de virtude dos super-heróis não significa vestir uma capa e sair enfrentando malfeitores nas ruas, assim como para imitar a Jesus Cristo não é preciso realizar curas e milagres. (IRWIN apud WESCHENFELDER, 2011).

O mito do herói, pode parecer encantar somente pelos poderes e feitos fantásticos, atributos extraordinários como super força, super velocidade etc. Mas, a de se notar, que por trás de todos as propriedades sobrenaturais e fantásticas, há sempre um ser com um nobre caráter, um coração bom, capaz de atos de altruísmo e dignidade.

Mas, com o auxílio dos pais e educadores, as qualidades verossímeis dos heróis, como senso de justiça, ponderação, honra e altruísmo podem ser exploradas. Lembrando que na vida real há muitos heróis que não possuem nenhum superpoder.

[...]os heróis que vivem à nossa volta e trabalham como bombeiros, médicos, enfermeiros e professores. Essas pessoas estão acima do interesse próprio normal, colocando os interesses e as necessidades dos outros em primeiro lugar entre suas prioridades; suas ações beneficiam a todos nós. (IRWIN, 2005. p. 36).

Também, usando ainda estes mitos, pode-se reforçar a diferenciação de bem e mal na mente da criança e do adolescente, o que a princípio pode ser tratado como uma visão simplista de mundo, mas que atualmente parece ser bastante confusa em nossa

sociedade, o que tem gerado uma inversão de valores segunda a qual, policiais são temidos como assassinos e bandidos tratados como heróis socialmente incompreendidos e marginalizados. (BREDA, 2010)

Braga e Chagas, nos lembram ainda que histórias em quadrinhos, filmes ou desenhos não são isentos ou inocentes, mas são carregados de ideologias e perspectivas culturais, seja dos autores ou da cultura em que foi gerada. (BRAGA, 2010; CHAGAS, 2008). Essa força de condução ideológica presente nos heróis, pode ser usada para retomar a distinção entre certo e errado, tão fragilizada em nossa cultura.

A partir desse contexto, percebe-se a importância dos heróis e heroínas que residem o imaginário de todos os povos e culturas.

A partir daí pode-se pensar uma forma de educação para o contexto atual, em que se precisa dar conta da formação integral, da preparação para o trabalho, bem como dos aspectos morais? Como se poderia ensinar uma ética das virtudes na sala de aula hoje, diante das situações concretas de desrespeito e até de violência nas relações pedagógicas cotidianas? Os super-heróis das histórias em quadrinhos podem muito bem servir de apoio pedagógico para o ensino de filosofia em geral e, especificamente, para que as crianças e adolescentes canalizem suas energias na direção de uma vida ética, virtuosa, mirando-se no exemplo de adultos virtuosos e felizes. (WESCHENFELDER, 2011, p.4).

Com esta afirmação concordam outros autores como Breda e Paiva (BREDA, 2010. PAIVA, s/d) para quem o arquétipo do herói é um modelo a ser seguido. Corroborando com estes autores, afirma Jacques Marny:

O Herói é o campeão do bem, o restaurador da ordem, por vezes até o “policia” do cosmos. Contra ele, bem podem desencadear-se as forças do mal e da treva; acaba por sair vencedor, visto que os deuses não podem permitir que o excesso triunfe, pois assim o cosmos arruinar-se-ia. Os deuses não podem aceitar nem a desordem nem a injustiça. Os homens também não. O que explica a veneração quase sagrada com que rodeamos o herói: tem à sua volta como que uma auréola de divindade. Os homens têm uma necessidade interior de heróis (MARNY apud CHAGAS, 2008.PG 159).

Em seu livro o Herói de Mil Faces, Joseph Campbell buscou concatenar os mitos dos heróis e suas sagas, de modo a fazer ao leitor perceber a existência de um fio condutor em comum, que de maneira cíclica é abordada em muitos mitos diferentes ao longo das eras.

Analisando a partir do conceito de arquétipo, conceito descrito desde os neoplatônicos para descrever os modelos das ideias segundo Platão, e citado por Nietzsche e Jung como uma matriz cognitiva coletiva.

O intelectual moderno não encontra dificuldades em admitir que o simbolismo da mitologia se reveste de um significado psicológico. Está fora de dúvidas, especialmente depois do trabalho dos psicanalistas, que tanto os mitos compartilham da natureza dos sonhos, quanto os sonhos são sintomáticos da dinâmica da psique. Sigmund Freud, Carl G. Jung, Wilhelm Stekel, Otto Rank, Karl Abraham, Géza Róheim e muitos outros desenvolveram, nas últimas décadas, um moderno corpo, vastamente documentado, de interpretações de sonhos e mitos; e, embora tenham desenvolvido trabalhos que apresentam amplas divergências entre si, esses doutores se unem num grande movimento moderno por meio de um considerável conjunto de princípios comuns. Com a descoberta de que os padrões e a lógica do conto de fadas e do mito correspondem aos do sonho, feita por eles, as quimeras há muito desacreditadas do homem arcaico voltaram, de modo dramático, ao plano principal da consciência moderna. Nos termos dessa concepção, há razões para crer que, através dos contos maravilhosos — cuja pretensão é descrever a vida dos heróis lendários, os poderes das divindades da natureza, os espíritos dos mortos e os ancestrais totêmicos do grupo —, é dada uma expressão simbólica aos desejos, temores e tensões inconscientes que se acham subjacentes aos padrões conscientes do comportamento humano. Em outras palavras, a mitologia é psicologia confundida com biografia, história e cosmologia. O psicólogo moderno tem condições de retraduzi-la em suas denotações próprias e, desse modo, recuperar para o mundo contemporâneo um rico e eloquente documento das camadas mais profundas do caráter humano. (CAMPBELL, 1997, P.156).

Este autor desvela a importância do mito do herói ao longo de diferentes épocas e culturas. Campbell afirma que a jornada do herói, base para a maioria das narrativas tipicamente utilizadas pela indústria cultural, continua fazendo tanto sucesso por ser esta narrativa uma trajetória arquetípica, ou seja, provoca em nós emoções pois em algum grau, consciente ou inconsciente, desejamos viver aquilo. O herói é alguém cujas necessidades próprias são colocadas em segundo plano, para dedicar a vida ao bem comum, alguém que mesmo com grandes poderes e capacidades, decide usá-las para algo mais que o benefício próprio.

O Uso de Histórias em Quadrinhos e Filmes de Heróis no ensino de Filosofia.

É evidente a dificuldade de efetuar o ensino de filosofia a alunos da educação básica. A maioria apresenta pouco ou nenhum hábito de leitura, resultando em um vocabulário cada vez mais limitado, e uma crescente resistência e desinteresse pelas matérias em geral.

Por isso, faz-se necessário ao professor se utilizar de todos os recursos possíveis, de modo a fazer com que os alunos percebam a presença e aplicabilidade da filosofia em seu dia a dia. Em sala de aula trabalhamos sobre livros de autores que, da melhor forma possível, buscam transmitir os saberes filosóficos e concedendo nos alunos a capacidade

de refletir filosoficamente. No entanto, além de transmitir e capacitar, é preciso também despertar o interesse e o gosto pela reflexão filosófica. Para que os alunos interajam e sintam prazer em discutir filosofia, é preciso fazer com que eles percebam sua presença e relevância em temas que lhes são próximos e com os quais já tenham afinidade.

Assim como várias outras disciplinas, a filosofia também é retratada nas páginas dos quadrinhos. Elas não proporcionam apenas o entretenimento ao seu leitor, mas apresentam em seu enredo vivencial uma série de questões existenciais de suma importância, com as quais os seres humanos ‘normais’ se defrontam na vida cotidiana. Desde questões referentes à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, até as que se referem às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino e ao sentido de nossa vida, passando ainda por aquilo que pensamos da ciência e da natureza, pelo papel da fé na aspreza deste mundo, pela importância da amizade e o significado do amor, bem como a natureza de uma família, às virtudes clássicas como coragem, o comedimento, a prudência, dentre outros temas. (WESCHENFELDER, 2011, p.42)

Observa-se então, que esse universo pode nos proporcionar importante ferramenta para abordar questões filosóficas, facilitando o ensino da filosofia para alunos muitas vezes desmotivados e sem interesse pelo assunto que a princípio pode parecer distante e fora de contexto.

Vários heróis dos quadrinhos, que já eram populares, foram ainda mais popularizados pela recente “onda” de adaptações cinematográficas, ampliando muito o público que tem acesso às suas histórias. Filmes sobre super-heróis lotam salas de cinemas a cada estreia, as emissoras de TVs transmitem e retransmitem estes à exaustão. Nossos alunos são inevitavelmente expostos a estas manifestações culturais, a maioria deles, inclusive, tendo enorme prazer com isso.

Podemos tirar proveito desta cultura, fazendo com que os alunos não mais assistam a filmes ou leiam livros de maneira totalmente passiva, auxiliando-os na reflexão, demonstrando que os mais variados saberes podem ser encontrados em mídias populares e que refletir sobre eles de forma crítica pode fazer a experiência ser ainda mais divertida. O ato de ver um filme, ler um best-seller infanto juvenil ou até ouvir músicas de sua banda favorita pode ganhar uma nova dimensão, muito mais profunda e construtiva sob a luz da filosofia.

Mas, dada a importância dos arquétipos, mitos e símbolos presentes nestas histórias, resgatamos aqui o potencial de formação cognitiva, ética e moral presentes nestas histórias. Tal qual os antigos dramas gregos, o forte apelo à emoção existente nestas histórias, desperta no leitor, sobretudo nas crianças e jovens, seus anseios íntimos por excelência, virtude e heroísmo.

Se Piaget e Kohlberg tem alguma razão quanto aos estágios de desenvolvimento da consciência moral, as HQ's cumprem uma enorme importância na gênese e na formação da consciência moral. O Super-Herói inspira a internalização da norma como algo bom, e em certa fase até como algo quase que sagrado. A autoridade de um princípio vem daquele que o apresenta. De mais a mais, os Super-Heróis ensinam pelo exemplo, eles mostram pela ação o que é bom e justo. E isso é muito mais eloquente do que os conselhos em abstrato. E é também aristotélico: aprende-se ao seguir o exemplo das pessoas mais virtuosas, mas a virtude se mostra nas ações do cotidiano. (WESCHENFELDER, 2010, p.13).

O mito do herói pode representar mais que uma fuga da realidade por algumas horas de entretenimento barato. Se feitas a perguntas certas e prestarmos atenção nas entrelinhas de suas histórias, elas podem ser fontes de inspiração para nossa sociedade.

Considerações Finais

Em praticamente todas as culturas existe o hábito de contar histórias. E muitas destas histórias apresentam em comum homens e mulheres e seus feitos fantásticos. Seres dotados de poderes e capacidades sobre humanas, que despertam admiração e inspiração. Essas narrativas muitas vezes têm a intenção de transmitir conteúdos morais.

Observamos nos dias atuais muita confusão no que se refere aos valores éticos e morais dentre jovens e crianças. Devido a falta de estrutura no lar, e também a uma onda de relativismo moral que vem ganhando força nos últimos tempos, é cada vez mais comum presenciarmos crianças cujos heróis e referências são personagens muitas vezes de caráter duvidoso, desde artistas a atletas com comportamentos nada exemplares, até o traficante do bairro. Não que não existam personalidades de caráter exemplar que de fato ensinem valores virtuosos aos jovens e crianças, existem e não são poucos estes homens e mulheres. Mas nem sempre suas áreas de atuação despertam o interesse em todos, ou até mesmo não encontram a devida atenção e divulgação de seus atos pela mídia.

Sendo assim, cabe aos pais e educadores apresentar a estas crianças histórias inspiradoras, buscando aquelas que cada um mais se identifique e admire. O uso de histórias de heróis e super-heróis, com o devido acompanhamento e orientação, pode servir a este propósito, dada a imensa carga ideológica que estas apresentam e o carisma que estas personagens têm, podem despertar no aluno a admiração às ações nobres e virtuosas, dar extensa margem para articular questionamentos filosóficos pertinentes, além de estimular o hábito da leitura. É importante também, lembrar que, as

personagens de HQ's, filmes e desenhos, refletem o caráter e as ideologias de quem as escreve, por isso a mesma personagem pode apresentar, por exemplo, inclinação fascista em um arco de histórias e comunista em outro. É importante selecionar bem os personagens apresentados, levando em consideração a faixa etária e fatores socioculturais.

Entretanto esta abordagem merece ainda muita atenção por parte de pedagogos, psicólogos e outras diversas áreas de estudo, para que a aplicação destes recursos sejam feitos de forma coesa e segura.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES- **Ética a Nicômaco; Poética /Aristóteles: seleção de textos de José Américo Motta Pessanha.** - 4. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1991. - (Ospensadores. v. 2)

BRAGA JR. Amaro Xavier - **História em quadrinhos como recurso didático para o ensino de Sociologia** - Artigo. II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte - Belém, 2010. Disponível em:
<<http://www.sbsnorte2010.ufpa.br/site/anais/ARQUIVOS/GT14-9-5-20100827183343.pdf>> Acesso em: 08/10/2014

BREDA, Gabriel da Silva - **Os Heróis dos quadrinhos como influência para o surgimento de um herói na sociedade atual** – (Bacharelado em Publicidade e Propaganda) - Centro Universitário de Brasília, Brasília. 2010 Disponível em:
<<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1103/2/20655046.pdf>> Acesso em: 08/10/2014

CAMPBELL, Joseph. **Mitologia na Vida Moderna** - 1ªed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito** -18ª ed. São Paulo: Editora Palas Athena, 2000.

CAMPBELL, Joseph. - **O Herói de Mil Faces** - 10ªed. - São Paulo. Editora: Cultrix/Pensamento. 1997.

CAPISTRANO, A. Z. GORGES, A. C. B.; TURRA, N. C. **A Importância da Literatura Infantil na Formação da Criança.** Artigo -Relatório Estágio - Bom Retiro (SC) s/d. Disponível em:
<<http://200.247.83.18/sistema/messias/libs/downloader.php?ref=33>> Acesso em: 28 de agosto 2014.

CHAGAS, Luciana Z. - **Capitão América: interpretações sócio antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos.** - Artigo. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição. N.03,v.1, 2008 - pg. 134 - 162. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufes.br/sinais/article/view/2865>> Acesso em: 13/06/2014.

IRWIN, Willian (org.). **Super - Heróis e a Filosofia**. Tradução Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005

JAEGER, W. Paidéia: a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995

LISBOA, M. J. A. et al. Paideia: Tópicos de Filosofia e Educação. Batatais: Claretiano, 2013.

PAIVA, Fábio da Silva. **Histórias em quadrinhos e a influência na educação dos leitores: os exemplos de Batman e Superman**. Universidade Federal de Pernambuco. s/d Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_2676.pdf> Acesso em: 17/08/2014

WESCHENFELDER, Gelson V. - **Super-Homem e a Busca do Caminho Aristotélico: Aportes para a educação** - Revista de Ciência e Educação - Americana: UNISAL - Ano XIV - N? 26 - 1º Semestre/2012 Disponível em: <<http://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/viewFile/178/204>> Acesso: 19/09/2014

WESCHENFELDER, Gelson V. - **As HQ's e a formação da consciência moral das crianças** - V CINFE - Caxias Do Sul: 2010. Disponível em: <http://www.uces.br/ucs/tpcinf/e/ventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/As%20HQs%20e%20a%20formacao%20da%20consciencia%20moral%20das%20criancas.pdf> Acesso em: 19/09/2014

WESCHENFELDER, Gelson V. - **Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de Super-Heróis e sua importância na formação da consciência moral, na perspectiva da ética Aristotélica das Virtudes**. - (Mestrado em Educação) - Centro Universitário La Salle - UNILASALLE - Canoas, 2011 - Disponível em: <http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2011/gvweschenfelder.pdf> Acesso em: 08/10/2014